



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

GEANE DOS SANTOS TAVARES

**A REPRESENTAÇÃO DA VELHICE NA LITERATURA INFANTIL: UMA LEITURA
DO LIVRO *VOVÔ NÃO TOMA JEITO*, DE LILIANA IACocca**

**CAMPINA GRANDE
2019**

GEANE DOS SANTOS TAVARES

**A REPRESENTAÇÃO DA VELHICE NA LITERATURA INFANTIL: UMA LEITURA
DO LIVRO *VOVÔ NÃO TOMA JEITO*, DE LILIANA IACocca**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Letras Português.

Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

T231r Tavares, Geane dos Santos.
A representação da velhice na literatura infantil
[manuscrito] : uma leitura do livro Vovô não toma jeito, de
Liliana Iacoca / Geane dos Santos Tavares. - 2019.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
, Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."
1. Literatura infantil. 2. Velhice. 3. Análise literária. I. Título
21. ed. CDD 801.95

GEANE DOS SANTOS TAVARES

**A REPRESENTAÇÃO DA VELHICE NA LITERATURA INFANTIL: UMA LEITURA
DO LIVRO VOVÔ NÃO TOMA JEITO, DE LILIANA IACOCCA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de Letras Português da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Graduação
em Letras Português.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 02/12/2019.

Ana Lúcia Maria de Souza Neves.

Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves - Orientadora

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Rosângela Maria Soares de Queiroz

Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz - Examinadora

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Dalva Lobão Assis.

Profa. Dra. Dalva Lobão Assis - Examinadora

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

“Há duas épocas na vida, infância e velhice, em que a felicidade está numa caixa de bombons”.
(Carlos Drummond de Andrade)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	LITERATURA INFANTIL E VELHICE	8
2.1	Breve histórico da literatura infantil das origens aos dias de hoje..	8
2.2	A tematização da velhice aos livros infantis	11
3	A RESSIGNIFICAÇÃO NO MODO DE RETRATAR A VELHICE NO LIVRO VOVÔ NÃO TOMA JEITO	15
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS	20

A REPRESENTAÇÃO DA VELHICE NA LITERATURA INFANTIL: UMA LEITURA DO LIVRO *VOVÔ NÃO TOMA JEITO*, DE LILIANA IACocca

TAVARES, Geane dos Santos¹

RESUMO

O presente trabalho corresponde a uma análise da narrativa infantojuvenil *Vovô não toma jeito* (2005) de Liliana Iacocca, com ilustrações de Michele Iacocca, cuja temática circula em torno da velhice, visando identificar como o idoso é retratado na obra. O livro em questão retrata o cotidiano de um vovô excêntrico, o Sr. Moreira, com o seu netinho, o Moreirinha e suas peripécias. Por meio da leitura da narrativa podemos perceber a importância de se trabalhar a velhice na literatura infantil. Como objetivo específico, o estudo pretende discutir quais os estereótipos são perpassados e/ou questionados através do comportamento dos personagens na narrativa. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico qualitativo, por meio da qual buscamos realizar uma leitura-interpretativa para explorar e analisar o objeto de estudo. Para fundamentar as discussões, recorreremos às contribuições de diversos estudiosos. Acerca da Literatura Infantojuvenil realizamos a leitura dos estudos de Cademartori *O que é Literatura Infantil* (1991) e de Riche *Literatura infanto-juvenil contemporânea: texto/contexto/caminhos/descaminhos* (1999). Sobre a velhice consultamos Bosi *Memória & sociedade: lembrança de velhos* (1979), Bevouir *A força da idade* (2009), entre outros.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Velhice. Análise Literária.

ABSTRACT

The present work corresponds to an analysis of the juvenile and children narrative *Vovô não toma jeito* (2005) by Liliana Iacocca, with illustrations by Michele Iacocca, whose theme is related to old age, aiming to identify how the elderly are portrayed in the work. This book portrays the daily life of the eccentric grandpa Mr. Moreira with his grandson Moreirinha and his adventures. Through reading the narrative we can realize the importance of working about old age in children's literature. As a specific objective, the study aims to discuss which stereotypes are shown and/or questioned through the behavior of the characters in the narrative. This is qualitative bibliographic research which we seek to perform an interpretative reading to explore and analyze the object of study. To support the discussions we draw on the contributions of various theorists. About Children's Literature, we read Cademartori's studies *O que é Literatura Infantil* (1991) and Riche's studies *Literatura infanto-juvenil contemporânea: texto/contexto/caminhos/descaminhos* (1999). About old age, we consult Bosi's studies *Memória e sociedade: lembrança de velhos* (1979), *A força da idade* by Bevouir (2009), among others.

Keywords: Children's Literature. Old age. Literary Analysis.

¹ Graduanda em Letras Português (Universidade Estadual da Paraíba) geane.stavares@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A velhice é uma fase desafiadora para aqueles que já a alcançaram. São experiências vividas, memórias, nostalgia, marcadas em cada ruga, em cada fio de cabelo branco, em cada limitação física ou psíquica. Os que ainda não chegaram a essa fase da vida, podem de certa forma temer a sua chegada. No entanto, se não morrermos antes, certamente passaremos por ela.

A Literatura infantil aborda diversas temáticas que envolvem realidades de vida, como a morte, a saudade, o amor, a família, a infância, enfim, uma gama de assuntos os mais diversificados para envolver o universo infantil e trazer-lhes um pouco de conhecimento e despertar o novo, aquilo que toda criança tem dentro de si. E despertar nos adultos, a criança adormecida que cada um carrega dentro de si. E por que não dizer, a velhice é uma temática recorrente em muitas obras do nosso tempo. Como trabalhar essa temática de modo que atraia a atenção dos pequenos? Como se configura a relação da criança com o idoso?

Há muito tempo as crianças eram apresentadas aos mais velhos tendo estes como uma ameaça, do tipo: “Fica quieto, menino, senão eu chamo o *velho do saco!*”. Ou: “Olha! Lá vem o *velho* te pegar!”, “O *velho* está bravo com você!”. Ainda que no universo infantil ainda exista a figura do “bom velhinho” (o Papai Noel). Seria uma forma de mascarar essa imagem negativa dos nossos anciões?

A velhice, quando apresentada na Literatura, aproxima a criança dos mais velhos, quando aborda as suas limitações e a sua alma, ou seja, seus sentimentos, suas lembranças (memórias), suas experiências vividas, suas histórias e aventuras, suas crenças e seus conselhos. Mas será que os nossos idosos de hoje estão tão presos ao seu passado? Como se comporta essa geração em pleno século XXI?

A terceira idade nos nossos dias não se pode comparar com a velhice dos tempos passados. Os nossos idosos estão inseridos em muitas atividades as quais lhes proporcionam uma velhice saudável. Eles estão sendo acompanhados por profissionais de saúde, programas de reabilitação, oficinas culturais, esportivas, etc. Existem até aqueles que competem e granjeiam medalhas em diversas competições. Sem falar dos bailes de gafieira que estão lotados dessas figuras simpáticas e cheias de vida!

Nossos “velhinhos” estão mais antenados com o mundo. Existe até celular apropriado para aqueles que desejam se conectar com as pessoas, com telas e letras maiores, proporcionando uma melhor visualização e leitura, afim de que os coloque aptos a usar as redes sociais, e desse modo, andarem de braços dados com a tecnologia. E embora nós os tratemos como vovôs e vovós, esse termo nada tem a ver com sua idade cronológica. Porque há muitos velhinhos que parecem jovens, assim como há muita gente nova que tem alma velha. E a geração de vovôs e vovós está cada vez mais jovem. Porém, nem tudo são flores no universo geriátrico. São recorrentes os casos de abandono por parte da família, onde asilos estão lotados destes. Uma triste realidade para aqueles que dedicaram toda uma vida a seus filhos e companheiros e no final da vida recebem esse tipo de tratamento, se é que assim podemos chamar. Muitos acometidos de muitas doenças, próprias da idade, como mal de Alzheimer e mal de Parkinson e a família não se sente “preparada para lidar com isso”. A saída é o abandono, ou seja, o aborto de uma esperança.

Para observar essas nuances, escolhemos o livro *Vovô não toma jeito*, cuja narrativa envolve a trama de um garotinho (o Moreirinha) e seu avô (Vovô Moreira),

que vive aprontando as suas por aí. O livro traz ilustrações que envolvem o leitor que exploram a natureza e os animais. A narrativa é dividida em 24 páginas, com textos verbais e não-verbais, que prendem a atenção do leitor, aguçando a sua curiosidade e o instigando a querer descobrir o final da trama. A temática em questão favorece a compreensão da relação criança X idoso, afinal, as crianças convivem (ou conviveram) com seus avôs. Elas são expectadoras de seus problemas, acompanham suas histórias, estão intimamente ligadas a eles. Dizem que quando chegamos à velhice, nos tornamos como crianças. Talvez seja isso que as aproxime tanto. E se a velhice está intrinsecamente relacionada à memória como pensamos (afinal, eles viveram tantas histórias), como preservar essa riqueza, se eles estão tão suscetíveis a perdê-la? Daí a importância de preservar a saúde e o bem estar dos nossos velhinhos. Desse modo, estaremos preservando as nossas memórias.

Liliana Iacocca nasceu em São Paulo no ano de 1947. Formada em jornalismo, colaborou com os principais órgãos de imprensa no Brasil. Há mais de vinte anos se dedica à literatura infanto-juvenil, sendo reconhecida como uma das principais escritoras do país. Possui um acervo com muitos títulos publicados. Seus últimos trabalhos foram: *De boca bem fechada* (2018), *Mãe canguru, filho canguru* (2000) e *De onde você veio?* (2006). Na maior parte de suas publicações contou com a colaboração de seu esposo Michele Iacocca, dado ao talento em produzir cartuns e charges, enriquecendo a obra com suas incríveis imagens.

Michele Iacocca, formado em artes plásticas, nasceu na Itália, mas ainda jovem veio para o Brasil e aqui fincou suas raízes. Por muitos anos foi diretor de artes, durante os quais publicou seus trabalhos nos principais jornais e revistas do país, colaborando como escritor e tradutor, bem como chargista e cartunista. Como autor e ilustrador escreveu mais de cem livros, entre os quais, os premiados *Eva, Vacamundi, O que fazer? Doente imaginário, Primeiro amor* e *As Aventuras de Bambolina* (2006). Traduziu obras de escritores famosos, a exemplo de Gianni Rodari e Umberto Eco. Foi vencedor do Prêmio APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte.

O presente trabalho divide-se em dois tópicos. O primeiro faz uma abordagem acerca da literatura infantil interligada à velhice, trazendo um breve histórico da literatura infantil desde a sua origem até os dias atuais e a temática da velhice nos livros infantis. No segundo tópico buscamos refletir sobre o modo como a velhice foi retratada no livro *Vovô não toma jeito*, de Liliana Iacocca e Michele Iacocca, envolvendo o leitor a temas tão comuns nos nossos dias, promovendo a relação leitor X obra X autor, de modo que estes interajam entre si, por meio de uma literatura que se conflui com a realidade social, e que por fim, poderá servir de instrumento transformador para o leitor ainda jovem. Desse modo, por meio da análise do livro em questão, pretendemos responder à seguinte indagação: De que modo a temática da velhice abordada na literatura infantil pode contribuir para o aprendizado da criança sem tornar-se pedagógica, mas interativa?

A atividade de leitura no âmbito da educação infantil traduz-se como uma atividade imprescindível e demasiadamente necessária para a formação da criança no âmbito intelectual, uma vez que oferece a esta a oportunidade de desenvolver a imaginação e a linguagem, e, sobretudo, o seu poder de reflexão enquanto ser social. Por meio da leitura é possível à criança viajar por diversos mundos, onde couber sua imaginação, e portanto, atribuir significados ao seu próprio contexto; e por que não dizer, aguçar a criatividade e a formação de um ser crítico. Conforme Fonseca (2012) *apud* SOUZA e SOARES (2018):

[...] faz muito sentido pensarmos a literatura como porta de entrada para a leitura das crianças. As histórias abordam situações muito próximas de seu cotidiano, falam de famílias, diferentes culturas e épocas, dos sentimentos, das relações, alimentam a imaginação e a fantasia, e contribuem com a socialização. Além disso, durante parte da infância as crianças buscam saber o que faz parte da realidade e o que é ficção. Sem dúvida estes são conceitos difíceis, porém as histórias as ajudam a compreendê-los. Fornecem elementos para a ampliação de seu conhecimento literário, social, histórico e cultural.

O livro *Vovô não toma jeito* é uma entre tantas ferramentas de socialização, por meio do qual a criança goza do direito de se colocar no lugar de um personagem, assumindo suas vontades, sua personalidade.

Desse modo, a leitura adquire caráter sócio-interativo, no qual a criança desenvolve o seu senso comum, em face de sua vivência com pessoas de gerações diferentes.

2. LITERATURA INFANTIL E VELHICE

2.1 Breve histórico da literatura infantil das origens aos dias de hoje

Em *O que é Literatura Infantil*, Lígia Cadermatori (1999) reflete acerca do universo da Literatura Infantil Brasileira nos dias atuais, seu surgimento, os autores e obras e sua importância já nos primeiros anos de vida do ser humano, enfatizando a importância do leitor para a compreensão da obra. Para Cadermatori “o leitor infantil precisa ter suas condições de recepção atendidas e respeitadas”. É necessário compreender que, nos dias de hoje, há muitos adultos não alfabetizados no nosso país e isso deve-se ao fato de que esses adultos foram crianças que cresceram sem o contato direto com a leitura. Daí a importância da Literatura já na fase infantil, onde as crianças gozam de oportunidades de desenvolverem essa habilidade, tanto quanto a escrita. Sabemos que uma competência favorece a outra.

A autora ainda reflete sobre as razões literárias que colocam a Literatura Infantil como uma sublitteratura, ou seja, que “envolvem questão da educação, além de mercado” (2006, p. 15). Nesse contexto, se inserem as Histórias em Quadrinhos (HQ's), as quais não se configuram como literárias, por não possuírem um viés cultural e pedagógico. No entanto, para Cadermatori “Nem tudo que circula como livro destinado à criança é, de fato, Literatura Infantil”. Para a autora, há um perigo quanto ao uso da literatura infantil introduzida apenas com intenção pedagógica, didática ou para incentivar o hábito de leitura. Segundo ela “este tipo de texto deve ser produzido pela criança que há em cada um de nós. Assim o poder de cativar esse público tão exigente e importante aparece”. A Literatura Infantil não é reduzível aos objetivos e ditames pedagógicos. “à sua natureza literária já a coloca além”. (p.18).

Nesse ínterim, a escola é um aparelho ideológico do Estado, uma vez que, preocupada com sua função conteudista, apela pelo ensino da língua, paradoxalmente, uma vez que não se alarga o domínio linguístico com uma tirania de conteúdo. “Foi a preocupação pedagógica que, por muito tempo, silenciou no texto questões relativas à sexualidade, ao racismo, à segregação, das mulheres e outras mazelas da sociedade e de seus jogos de poder” (p.24). Nesse contexto, a Literatura Infantil torna-se imprescindível para que o domínio da língua ocorra, e as necessidades intelectuais negligenciadas pela escola se aprimorem. Desse modo, a

função primordial da Literatura Infantil “cumprir junto ao seu leitor é apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais e políticas educacionais” (p.19 -20). A Literatura pedagógica, ligada à cultura erudita e a literatura oral à cultura popular se mesclam quando se adaptam os contos folclóricos às crianças, uma vez que o viés pedagógico é carregado de princípios moralizantes. Segundo Cademartori, há uma “preocupação de fazer uma ‘literatura moralizante através de uma literatura pedagógica’” (p.36).

O francês Charles Perrault, aclamado precursor da literatura infantil, tornou-se conhecido pelas histórias da *Cinderela* e *Chapeuzinho Vermelho*. Assim como os irmãos Grimm (*João e Maria*, *Rapunzel*), C. Andersen (*O Patinho Feio*). E o não menos importante, Lewis Carrol que fugindo ao cânone, segue a polifonia, o que permite diversas leituras de sua obra. No Brasil, temos o renomado expoente da literatura para crianças: Monteiro Lobato, que abre espaço para a interlocução e a moral não absoluta. Em *Sítio do Pica Pau Amarelo*, sua personagem Emilia se encarrega de nos trazer uma lição: do “aprender o grande segredo da vida dos homens: a esperteza. Ser esperto é tudo”, observa Cademartori. Assim, nasce no Brasil a Literatura Infantil. Nessa tendência, o mercado do livro nacional evoluiu, e assim o é, até os dias de hoje.

O livro, ainda que configurado como uma “mercadoria” (numa sociedade capitalista), todavia de boa qualidade para diversas faixas etárias. Livros para crianças que ainda não sabem ler, com imagens, cheiros e formas e sem palavras, pois nessa fase a linguagem e a percepção visuais já são exploradas e desenvolvidas. Eva Furnati escreve livros sem textos (palavra escrita). Depois vem os livros com imagens, aliadas a inserção das palavras. A exemplo de Ruth Rocha, dentre outros nomes, que não subestimam o público leitor e mescla as tramas com questões de poder, como Ziraldo, o criador de “O menino maluquinho” e também “O menino mais bonito do mundo”. E não somente os textos em prosa, mas também a poesia apresentada nas obras de Cecília Meireles e de Vinícius de Moraes. Para os maiores, já na fase da pré-adolescência Sérgio Caparelli e Lygia Bojunga fazem companhia, escrevem para esse público.

Vislumbrando a Literatura Infantil numa perspectiva voltada para o pós-modernismo, Riche (1999) se debruça sobre as tendências desse estilo literário. Para a autora:

A literatura infantil brasileira nasce na virada da modernidade para a pós-modernidade e vai refletir esteticamente esse sistema social complexo vivendo entre o pré-capitalismo de algumas regiões onde a urbanização não chegou, e as grandes cidades, verdadeiras ilhas de excelência, com tecnologia de ponta informatizada e de fácil acesso aos bens de consumo. (p. 130).

Nesse contexto, o livro é “transformado em bem cultural dessa sociedade de consumo”. (*idem/ibidem*). No entanto, apesar da vasta produção de títulos responsável por uma grande fatia do mercado editorial, nem sempre é de fácil acesso ao leitor ao qual se destina. Quanto à produção, há uma certa heterogeneidade, com temas diversos, tende-se a formular discussões acerca de questões existenciais e, concomitantemente, uma maior preocupação com a linguagem, trabalhando tanto no nível do significante quanto no do significado. Observa-se uma “tendência de misturar ou recuperar estilos anteriores”, pois, “também na literatura infantil convivem o velho e o novo”.

Riche atenta para as técnicas do pastiche, que em algumas obras é utilizada como inspiração para ilustrações, assim como a paródia, que é “outra forma de visitar antigos textos e estilos”, a partir da linhagem dos contos de fada. “Situações e valores cristalizados pela história são retomados num outro texto que inverte o sentido do texto original e com ele dialoga numa espécie de contracanto”. Nesse jogo intertextual, um texto se opõe diretamente ao original, que promove uma rerepresentação da voz do outro que ficou recalcada, permitindo uma nova maneira de ler o convencional, num processo de liberação do discurso, não focalizando no personagem principal, mas se voltando para a narrativa sob o ponto de vista dos personagens secundários. Nesse contexto, os autores tendem a retomar um conto de fadas tradicional, narrando sob o ponto de vista dos personagens secundários, tornando-o personagem principal, a exemplo de “O Caçador”, onde a trama desenvolve-se dentro da história de Chapeuzinho Vermelho, no entanto, quem brilha na trama é o caçador, não a menina. Recursos como a ironia e o humor, que envolvem a imitação e o inietismo de outros estilos, como maneirismos e tiques são utilizados na paródia.

Quanto aos elementos da narrativa, Riche menciona Silviano Santiago, que qualifica de narrador pós-moderno: “aquele que quer extrair a si da ação narrada em atitude semelhante à de um repórter ou de um 'expectador'. É o movimento de rechaço e de distância que toma o narrador pós-moderno”. Ou seja, o narrador sai de cena e permite aos personagens a tarefa de representar os seus próprios dramas pessoais. Em outro contexto, o narrador perde a sua força de onipotência e a onisciência do ponto de vista tradicional. Foca na personagem e, “dos bastidores”, acompanha a narrativa, permitindo ao leitor interagir com a trama. Os “personagens tipos” tais como os reis, as rainhas dos contos de fada reaparecem, a fim de encantar e embelezar a narrativa, recuperando-se as fontes originais dos contos de fada, ao mesmo tempo que dialogando com a contestação do gênero. “Personagens alegóricas e simbólicas como tecelãs, princesas, sereias, unicórnios, corças não condizem exatamente com a realidade imediata”.

Por meio de autoras da pós modernidade, a exemplo de “Marina Colasanti, Ruth Rocha e Ana Maria Machado questionam valores e papéis sociais, o poder masculino em contraposição à sensibilidade feminina e às relações feminino e masculino numa sociedade racional e consumista”.

Para Riche, “as personagens que não se enquadram em papéis sociais pré-determinados são consideradas ambíguas, desviantes, agem na contramão da história, mas estão mais próximas da realidade”. Surge então uma literatura com um olhar feminino, a produção de Literatura Infantil anterior recebe uma nova roupagem. “Uma literatura que dá voz às mulheres, aos negros, aos índios, às crianças. [...] uma busca da fala recalcada e sofrida das origens e raízes da mestiçagem típica da identidade brasileira”. Voz que se “faz ouvir também em livros que misturam ficção e realidade”, arremata Riche (p.135). A autora acredita ainda que o contato com narrativas antigas possibilita o aparecimento de obras de caráter pedagógico e ideológico, propriamente dito. A cada dia o número de obras destinadas ao público infanto-juvenil possibilita ao leitor brasileiro a aproximação com culturas afins. (p.136).

Temas como o aborto, o estupro, o menor abandonado, a separação de pais, os preconceitos, a morte, as diferentes nuances de violência, o trágico, ganham relevância. “Convivem alternadamente com a fantasia do imaginário dos contos de fada [...]. O trabalho com a linguagem é que marcam a diferença”. A linguagem torna-se mais coloquial, mais próxima do universo do leitor. A linguagem vira tema, a

personagem vivencia a experiência linguística. A narrativa tematiza o poder emancipador da palavra. Nesse ínterim, o grande diferencial que marca as melhores obras da literatura infanto-juvenil contemporânea é a proximidade da temática e um tratamento voltado para a linguagem, conferindo à literatura infantil um novo status.

Ademais, a Literatura Infantil é de suma importância para a imaginação, a expressão verbal, abstração e o lúdico. Cademartori explicita que “O papel da literatura nos primeiros anos é fundamental para que se processe uma relação ativa entre falante e língua”. O que depende de vários fatores, desde o próprio sistema alfabético (p.74).

Por fim, Literatura Infantil é um trabalho voltado para crianças e, portanto, precisa ser desenvolvido numa linguagem própria para crianças, voltado para um público essencialmente infantil, como objetivo de agradar a esse público; e para tanto, faz-se necessário que haja um reconhecimento do que é ser criança, não uma produção voltada para um mini adulto.

2.2 A tematização da velhice nos livros infantis

Ecléa Bosi nasceu em São Paulo, em 1936. Psicóloga, escritora, em 2008 recebeu o título de professora emérita do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), onde se graduou, fez mestrado e se tornou doutora em Psicologia. Foi a idealizadora do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI), em 1993, através do qual foi homenageada com o prêmio Averroes em 2011. Esposa de Alfredo Bosi, Faleceu recentemente, em 2017, aos 81 anos.

Dona de uma vasta produção escrita, na qual aborda temas como cultura e memória social, a exemplo de *O tempo vivo da memória: ensaios da psicologia social*, (2004), *Velhos amigos* (2005), *Memória e sociedade: Lembranças de velhos* (2005), pelo qual recebeu o prêmio Internacional *Ars Latina* em 2009, ao mesmo tempo em que é utilizado pelo Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP na criação do espetáculo *Doces Lembranças*. E uma antologia da escritora francesa Simone Weil (1909-1943).

Em seu livro *Memória e sociedade: Lembranças de velhos* (2005), Bosi destaca a importância da velhice na preservação da memória social: "(...) não pretendi escrever uma obra sobre memória, nem uma obra sobre velhice. Fiquei na interseção dessas realidades: colhi memórias de velhos".

Na referida obra, Ecléa Bosi retrata as memórias de velhos que participaram efetivamente da história de um bairro, de uma cidade (São Paulo), do nosso país. São relatos emocionantes de pessoas que sofreram com a opressão de uma sociedade capitalista, pela exploração do trabalho servil, uma psicologia do oprimido, de uma classe até então marginalizada. O principal objetivo foi registrar a memória, os pensamentos, as experiências e a vida desses entrevistados que dedicaram toda sua vida ao trabalho e ao serviço ao País. Como subsídio teórico, Bosi recorreu a autores como Bergson (1959), Halbwachs, Bartlett e Stern, para apresentar suas reflexões no tocante à memória.

Bosi divide o livro em capítulos. No capítulo 1 ela discursa sobre *Memória – Sonho e Memória – Trabalho*. No capítulo 2 o título *Tempo de lembrar* fala sobre a função da memória na velhice. No capítulo 3 ela discorre sobre as *Lembranças*, ou

seja, a biografia dos entrevistados. E por fim, no capítulo 4, Bosi trata sobre *A Substância Social da Memória*. A autora apresenta uma análise dos resultados.

Em entrevista à revista Mosaico (2018), por Fernanda Lopes Rêgo Soares, a autora explica que nesse estudo ela colheu dos idosos não somente a memória biográfica, mas também a memória do tempo, do espaço, a memória política, a memória do trabalho e a memória cultural. Nesse contexto, aos entrevistar idosos com mais de 65 anos, Bosi ouviu relatos de acontecimentos marcantes que ocorreram e que de certo ponto influenciaram na história de um lugar, de um espaço. A exemplo de mudanças geográficas que ocorreram nas cidades em virtude do progresso. É aí que reside a importância de se conhecer o lugar onde se vive, suas histórias, seu passado.

Sobre o que os velhos contaram, diz Bosi:

Contaram histórias que ouvimos de nossos avós, a passagem do cometa Halley, em 1910. Todos descreveram o cometa Halley, descreveram os matamosquitos de Oswaldo Cruz nos bairros varzeanos, descreveram a gripe espanhola, as peripécias do ladrão Meneghetti, que era um ladrão muito simpático, que tirava dos ricos para dar aos pobres. Aliás, as histórias do Meneghetti são extraordinárias. Ele comprava discos de ópera, porque aqueles bairros operários, como o Bixiga, eram bairros italianos, e como era o único que tinha vitrola, colocava bem alto, para todos ouvirem. Eram todos loucos por ópera.

Sobre a memória, diz:

Mas a memória dos velhos rema contra a maré, porque a cidade não permite a visita de um velho a outro. Eles perdem o grupo recordador das mesmas lembranças. Esse grupo recordador é testemunha e intérprete dessas lembranças. Quando isso se perde, as memórias se dispersam e precisa muito esforço para colhê-las. O anarquismo do início do século XX, a revolução do Isidoro, aliás quanta criança se batizou com nome de Isidoro depois... A Coluna Prestes, a revolução de 1932, as duas grandes guerras, Getúlio e o trabalhismo, lembrados de maneira comovente. (SOARES, 2018)

Quando diz que “a memória dos velhos rema contra a maré”, Bosi explica que o distanciamento provocado pelo crescimento da zona urbana desfavorece o contato de um idoso com outro, e então a memória corre o risco de cair no esquecimento, já que não há compartilhamento das fontes que geram essas lembranças. A autora segue com os relatos colhidos pelos velhos: “Na morte de Getúlio, me contou um velho, foi lançado gás lacrimogêneo para que os operários não se reunissem, mas eles se reuniram mesmo assim e choraram por causa do gás, só depois souberam por que”.

Nota-se que são histórias sobre as quais ouvimos falar, mas não da forma como eles, que foram protagonistas relatam. Chegaram a nós de forma mecânica, sem emoção. Nos relatos colhidos, há vida, emoção, sentimento:

As lembranças do espaço e dos acontecimentos políticos e históricos começam, em primeiro lugar, na casa materna, que é o centro geométrico do mundo. A cidade parte da casa materna em todas as direções. Dali partem as ruas, as calçadas onde a vida se desenrolou. (*idem, ibidem*)

Essas vozes que se fazem ouvir são de pessoas que outrora tinham uma vida plenamente ativa, cheias de objetivos e de muitos sons. Conforme explica Bosi: “Gravei pauta musical dos bairros e aprendi que a cidade não é só um mapa visual, é um mapa sonoro e ele faz parte da nossa identidade, da nossa integridade”. E completa:

Se você pensar, a rua tem uma trilha sonora. Se você começar a gravar, desde uma porta que se abre, a vassoura na calçada, as lojas que se abrem... É muito bonito o paulistano descrevendo a cidade, porque ele fala "ali na Penha" e aponta a palma da mão". "É um mapa afetivo da cidade. (*idem, ibidem*)

Para a autora, os bairros de São Paulo, quando descritos pelos velhos, assim como nós, têm uma biografia. Eles têm infância, juventude, maturidade e velhice, e esta é "a quadra mais bela dos bairros, porque ali se constituiu já a sua memória". Esse espaço tem o poder de trazer vida, mas também está sujeito à morte:

Os velhos ficam acuados quando as quadras do bairro são arrasadas. Para onde vão? Tentam resistir, mas em geral perdem a parada. A mudança e a morte se equivalem para as pessoas. Os urbanistas devem escutar os velhos moradores que têm a memória de cada rua e de cada bairro. Os conselhos de bairros têm direito de veto? Teoricamente sim, mas será que são escutados? (*idem, ibidem*)

Para Bosi, "os trabalhos de memória e sociedade têm um selo de nostalgia, um sabor agri-doce":

Porque a pessoa, enquanto conta a vida e a cidade, faz uma das operações mais difíceis para a mente humana, que é aceitar o irreversível, o que se perdeu. Quando conta, dá seu consentimento a essa perda, com graça e com liberdade. (*idem, ibidem*)

Indagada sobre o projeto da Universidade da terceira Idade, Bosi explica que por causa dessa perda de continuidade, as vagas estariam garantidas. Testemunhas da história sentam-se ao lado dos formados e aprendem junto com eles:

Essas pessoas estão participando da paixão pelo conhecimento e alguns tomam três conduções para ir à USP. Às vezes uma delas lava toda a roupa do cortiço onde mora para comprar uma revista especializada que o professor pediu. Falei trabalhadores manuais porque eles são a glória do projeto, mas podem vir também alunos que têm mais cultura que o professor, como a dona Neuza Guerreiro, bióloga, uma pessoa de grande cultura. Mas em geral são pessoas que não puderam estudar e elevam o nível das aulas, porque foram testemunhas da história. (*idem, ibidem*)

Perguntada sobre a iminência de haver um certo preconceito por parte dos alunos, Bosi lembra:

Um velho operário, ante a classe reclamando do excesso de bibliografia para a prova, levanta-se e diz que foi operário a vida inteira, mas que agora, por causa da idade, só consegue trabalho quando os operários saem e ele vai lavar as máquinas e o chão. Comenta, "que trabalho pesado", pede um livro a um colega, segura, mostra para a classe e diz: "Como o livro é leve!". Isso comove a classe toda. Como o livro é leve perto do trabalho de um metalúrgico discriminado porque está velho! Coisas inesquecíveis. (*idem, ibidem*)

E continua: "Eu queria lembrar dona Santinês, vendedora ambulante, cozinheira, que teve uma vida muito sofrida".

Eu estava dando uma aula dizendo que o tempo é vivido diferentemente conforme a classe social. A classe estava com dificuldade para apreender isso e ela, semialfabetizada – só tinha lido mesmo a Bíblia – se levantou e começou a citar versículos bíblicos que sabia de cor. Ela dizia assim: "Todas as coisas têm seu tempo debaixo do sol. Há tempo de nascer e de morrer, tempo de plantar e tempo de colher, tempo de chorar e de sorrir, tempo de rasgar e de costurar, tempo de buscar e tempo de perder, tempo de abraçar e de se separar; tempo de calar e tempo de falar". Os alunos compreenderam

na hora e ficaram tocados, porque ela mesma tinha chegado ao tempo de falar – falar em público, se expressar. (*idem, ibidem*)

Também sobre memórias, Simone de Beauvoir escreve em seu livro *A força da idade (La Force de l'âge)* (1970), traduzida por Sérgio Milliet em 2009, uma espécie de relato de vivências que marcaram sua vida.

Para a autora, o modo como a velhice é representada se reflete na maneira como os velhos são tratados e resultam tanto das circunstâncias materiais da sociedade, quanto de todo um sistema de crenças e de valores, os quais sofrem mudanças constantes, de acordo com o tipo de sociedade a que estão inseridos; e em longo prazo, dentro de uma mesma sociedade.

Simone Lucie Ernestine Marie Bertrand de Beauvoir, exímia escritora, ícone do movimento feminista e filósofa do movimento existencialista, nasceu em Paris, na França, em 9 de janeiro de 1908 e faleceu em 1986. Filha do advogado Georges Bertrand de Beauvoir, ex-membro da aristocracia francesa. Sua mãe, Françoise Brasseur, era filha da alta burguesia. Criada em um lar culto, devotou-se desde cedo aos estudos, o que a instigou a buscar sempre novos conhecimentos e descerrar os segredos do mundo.

Beauvoir escreveu romances, ensaios, biografias, uma autobiografia e monografias sobre política, filosofia e questões sociais. Nos anos 40 integrou um círculo filosófico que conferiram ao existencialismo um aspecto literário. Além disso, esteve envolvida, juntamente com Sartre e Foucault, no polêmico manifesto “A idade da razão”, que tinha como objetivo retirar a idade mínima para consentimento em relações sexuais.

Dentre suas obras, quatro foram publicados entre 1958 e 1972: *Memórias de uma moça bem comportada*, *A força da idade*, *A força das coisas* e *Balanço final*. Em 1964 publicou a narrativa *Uma morte muito suave*. Também publicou *Quando o espiritual domina*, o qual finalizou bem antes da Guerra Mundial, sendo publicado somente em 1979; o romance *A convidada* (1943), considerado sua estreia literária; seguido *O sangue dos outros* (1945), *Todos os homens são mortais* (1946), *Os mandarins* (1954), romance que lhe rendeu o Prêmio Goncourt; *As belas imagens* (1966); e *A mulher desiludida* (1968). Além de *O segundo sexo* (1949); e desde então, livro de referência do movimento feminista mundial, uma análise detalhada da opressão das mulheres e um tratado fundamental do feminismo contemporâneo.

Dentre as obras teóricas de Beauvoir destaca-se *A velhice* (1970). Escreveu ainda para o teatro e relatou algumas de suas viagens ao exterior em dois livros.

A escritora expressava inquietação quanto ao envelhecimento e à morte em seus livros *Uma morte suave / Uma morte serena* (1964). Em 1981 escreveu *A Cerimônia do Adeus*, uma narrativa do fim da existência de seu então companheiro Sartre, falecido no ano anterior.

Depois, em 1983, escreveu cartas a Castor, uma coletânea de correspondências que lhe enviou. Colaborou ativamente para a revista criada por ambos, *Les Temps Modernes*, tendo manifestado de diferentes e incontáveis maneiras, sua solidariedade total ao feminismo, até o dia de sua morte. Em 1986, por conta do agravamento de uma pneumonia, Simone de Beauvoir morre aos 78 anos de idade e é enterrada no Cemitério de Montparnasse, no mesmo túmulo de seu companheiro.

Falar sobre sua vida, suas memórias, tinha todo um significado para a autora:

Certos críticos acreditaram que em minhas Memórias eu tivesse querido dar uma lição às jovens; desejei sobretudo pagar uma dívida. Este relatório apresenta-se em todo caso isento de qualquer preocupação moral. Atenho-me a testemunhar o que foi minha vida. Nada prejulgando, a não ser que toda verdade pode interessar e servir. A que e a quem servirá o que tento exprimir nestas páginas? Ignoro. Desejaria que fossem abordadas com idêntica inocência. (BEAUVOIR, 1970).

Por muitos anos Beauvoir voltou-se aos estudos sobre as questões de gênero e da velhice. Ela afirma: “a sociedade destina ao velho seu lugar e seu papel levando em conta sua idiossincrasia individual: sua impotência, sua experiência [...] o indivíduo é considerado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele” (BEAUVOIR, 1970, p. 74). Em pleno século XXI temos uma visão diferente sobre o que é ser velho. Para a autora, ser velho hoje em dia é diferente de ser velho há 40 anos atrás. Assim como também há uma diferença entre um homem e uma mulher envelhecer.

“[...] nunca se fala de ‘bela velha’; no máximo se dirá ‘uma encantadora anciã’. [...] Ao passo que admitimos certos ‘belos velhos’; o macho não é uma presa; não se exige dele nem frescor, nem doçura, nem graça, mas força e a inteligência do sujeito conquistador; os cabelos brancos e as rugas não contradizem esse ideal viril.” (BEAUVOIR, 1990, p.364).

Em *A velhice - a realidade incômoda* (2014), Livia Paula Freitas de Calado discorre acerca do livro *A velhice* (1970), de Beauvoir. A resenhista destaca a integração do indivíduo idoso numa sociedade que se volta para o ângulo da produção e do lucro.

Para Calado (2014), a velhice seria, nessa ótica, “uma fase da existência, diferente da juventude e da maturidade, mas dotada de um equilíbrio próprio e deixando aberta ao indivíduo uma ampla gama de possibilidades”.

A velhice, sob todos esses aspectos, quando inserida na literatura infantil, abre espaço para o reconhecimento das crianças para com seus avós.

Eles entendem que cada um carrega em si as suas limitações, que transformações físicas os diferem dos mais jovens, mas que são capazes de transmitir valores, de repassar experiências; pois viveram, trabalharam, foram jovens, foram crianças um dia. Que a tecnologia não os impediu de se conectar com o mundo, mas que, apesar de suas limitações (pouca visão, audição), são dotados de capacidade cognitiva de interagir com os mais novos. Que suas lembranças fazem-nos entender como era a nossa cidade, o nosso bairro, no passado. Que foram protagonistas de histórias que só conhecemos nos livros de história.

O idoso é uma caixinha de surpresas, é uma locomotiva que nos faz viajar para lugares onde jamais poderíamos imaginar ir um dia! É um mergulho no túnel do tempo! E ainda assim, é alguém do nosso presente, e por que não dizer, é um raro e precioso presente que a vida nos deu!

3 A RESSIGNIFICAÇÃO NO MODO DE RETRATAR A VELHICE NO LIVRO VOVÔ NÃO TOMA JEITO

O livro *Vovô não toma jeito* de Liliana Iacocca, com ilustrações de Michele Iacocca (esposo de Liliana), é uma narrativa escrita para crianças de todas as idades, e por que não dizer, para adultos com almas de criança? Rica em textos verbais e não-verbais, narra a história da família Moreira: O papai Moreira, a mamãe Moreira, a

Moreirinha, o Moreirinha (Moreira Neto), a vovó Moreira, o vovô Moreira, o gato e o cachorro.

O narrador é onisciente, ou seja, ele observa a trama, não se configura como personagem. A narrativa inicia-se em tempo cronológico “Naquela manhã de sábado...”. E apresenta o personagem Moreirinha, especificando o espaço onde a história acontece: no jardim de sua casa. Temos aí quatro elementos da narrativa. Narrador, tempo, personagem e espaço.

“— Um, dois, três, quatro, cinco, seis... Já tinha contado mais de trinta vezes até trinta e três”. O personagem Moreirinha conversando com ele mesmo. O leitor imagina ele contando e faz a conta: $30 \times 33 = ?$

“E nada do vovô Moreira chegar. ‘Ele é assim mesmo!’, pensou o Moreirinha enquanto andava”. “[...] a gente nunca sabe a hora que o vovô Moreira vai chegar. Ele sempre inventa alguma coisa para fazer no meio do caminho”. Com essas observações do Moreirinha, podemos deduzir: “Ele é assim mesmo”: Que o vovô sempre apronta; “a gente nunca sabe a hora que o vovô Moreira vai chegar”: Que o vovô Moreira gosta muito de andar e de se demorar; “Ele sempre inventa alguma coisa para fazer no meio do caminho”: Que o vovô Moreira gosta de novidades.

As ilustrações feitas por Michele tornam a compreensão do texto favorável, pois é carregada de detalhes: Temos uma parte da casa com uma janela aberta e um aquário com um peixinho nos umbrais. Ao alto, no telhado, podemos ver a antena e um pássaro sobrevoando a casa. Temos uma árvore nos fundos da casa e outra bem no jardim. Sobre esta há um ninho de passarinho com dois filhotes e a mãe chegando com comidas para eles, um pássaro pousado num galho e outro no chão a se alimentar do que cai da árvore, um sapo sonolento sobre um arbusto próximo à cerca, uma abelha, voando raso e uma borboleta sobre um monte de areia próximo à janela. Algumas tulipas entre as pedras e montes de terra. E Moreirinha à esquerda, sobre umas das estacas da cerca, se equilibrando.

Na página seguinte, um gato sobre o telhado e um pássaro sobre uma árvore dialogam: QUANTO DÁ TRINTA VEZES TRINTA E TRÊS? NOVECENTOS E NOVENTA! O diálogo interliga-se com a cena anterior, onde o narrador diz que o garotinho contou trinta vezes trinta e três. Vemos outro lado da casa, desta vez, maior. Duas janelas abertas. Sendo que de uma saía umas notas musicais, indicando que alguém ouvia música, e na outra janela um canteirinho de flores. Duas borboletas e uma joaninha próximas à cerca, um homem deitado numa rede armada na varanda, uma mesa à frente da varanda com um copo com canudo e uma jarra. Um cesto virado encostado numa árvore, derramando alguns grãos e um escavador também apoiado na mesma árvore. Outro pássaro próximo dali. Na rua, depois da cerca, vemos carros passando e crianças brincando no outro lado da rua, um prédio em seguida uma pipa no céu, mais árvores (podadas em forma de bola) mais próximas à cerca e um caminho de pedras. Um caramujo escalando uma das árvores e uma abelhinha zanzando perto.

Em seguida, uma voz se dirige ao garotinho. Alguém pergunta se ele conhece o Moreirinha. Ao que foi logo entrando e perguntando: — Você sabe onde está o meu neto Moreirinha, garoto? O garotinho confuso respondeu que o Moreirinha era ele mesmo. A mãe passarinho tinha acabado de alimentar seus filhotes e seguiu voando. Em seguida, no cenário 2 dois passarinhos dialogam: SIM OU NÃO? SIM E NÃO! O gato sobre o telhado abre o s braços, confuso. Moreirinha e o vovô Moreira se olham de frente um para o outro, sobre o caminho de pedras. Duas mulheres se

cumprimentam na calçada do outro lado. Os demais animaizinhos se movem devagar. A música parou de tocar.

Ao longo de toda a narrativa, a autora intercala os textos verbais em uma página, com ilustrações que confirmam o que está sendo falado, e na página seguinte, com textos não verbais, que dão continuidade à história, num jogo lúdico, próprio ao universo infantil.

Consideramos importante a utilização desse recurso para o desenvolvimento cognitivo da criança, conforme assinala Admilson Nelson Santos *et al*, em *A importância do lúdico para o desenvolvimento da criança*:

As relações cognitivas e afetivas a partir da ludicidade promovem o amadurecimento emocional, o desenvolvimento da inteligência e da sensibilidade da criança, garantindo assim que suas potencialidades e afetividades se harmonizem. O lúdico é tão importante para o desenvolvimento da criança, que merece atenção por parte de todos os educadores. Cada criança é um ser único, anseios, experiências e dificuldades diferentes. Portanto nem sempre um método ensino atinge a todos com a mesma eficácia. Para poder garantir o sucesso do processo ensino-aprendizagem, os professores devem utilizar-se dos mais variados mecanismos de ensino, entre eles as atividades lúdicas. Tais atividades devem estimular o interesse, a criatividade, a interação, a capacidade de observar, experimentar, inventar e relacionar conteúdos e conceitos. O professor deve-se limitar apenas a sugerir, estimular e explicar sem impor, a sua forma de agir, para que a criança aprenda descobrindo e compreendendo e não por simples imitação. O espaço para a realização das atividades, deve ser um ambiente agradável, e que as crianças possam se sentirem descontraídas e confiantes. (SEDUC-MT).

Dessa forma, a leitura trabalhada na ludicidade proporciona ao leitor infantil uma maior percepção e dialoga com este num jogo de interação, e não apenas com objetivos pedagógicos.

O Livro tematiza não somente a velhice. Junto a esta temática podemos perceber a convivência do vovô (maluquinho) Moreira com o seu neto, o Moreirinha, como eles se relacionam. O menino conhece as artimanhas do avô e espera ser surpreendido com mais uma de suas peripécias. Temos aí uma forte relação familiar.

No início da obra a autora apresenta a família Moreira: O papai Moreira, a mamãe Moreira, a neta Moreirinha, o neto Moreirinha, a vovó Moreira e o vovô Moreira. No entanto, em toda a trama, somente há diálogos entre o neto e o avô. Os demais personagens não dialogam. Nas ilustrações podemos ver um ou outro personagem e imaginar que seja um destes da família, como por exemplo, o homem deitado numa rede, na varanda da casa. Presume-se que seja o pai.

Outra imagem que nos chama a atenção é a de um cômodo da casa (supostamente um quarto), alguém parece estar cantando uma canção, já que junto a uma sombra humana vemos algumas notas musicais. Podemos considerar que seja a Moreirinha, também netinha do vovô Moreira, já que nas cenas seguintes aparece na mesma janela, na forma de uma menininha.

Os animais de estimação da família (o gato e o cachorro) aparecem nas ilustrações e dialogam com os outros animaizinhos, paralelamente ao que está sendo contado na história, numa intertextualidade harmoniosa. Um exemplo disso é a parte da história em que o vovô finge não conhecer o Moreirinha e fica perguntando o tempo

todo por ele ao neto, que acredita que o vovô está ficando maluco e o vovô diz que está lendo o pensamento dele. Nessa página não aparece a imagem dos dois. Somente o primeiro cenário da história. Na cena seguinte, no cenário 2, o gato dialoga com o pássaro: “— ESTÁ TODO MUNDO BIRUTA! — MENOS EU!”. E o vovô na parte inferior da página, fazendo sinal com o dedo girando ao lado da cabeça, querendo dizer que está todo mundo louco. E um passarinho ao lado dele, com os olhos espantados.

Outra cena bastante interessante é a cena em que depois que o vovô Moreira faz um monte de piruetas e truques mágicos, coloca uma mão no bolso e a outra numa cartola e faz um suspense. Moreirinha pensa: “O que será que vai acontecer?”. Todos os bichinhos da cena param junto com o Moreirinha: O gato, bem na ponta do telhado, a mamãe passarinho e seus filhotinhos sobre a árvore, Outro passarinho pousado num galho da arvore, o caramujo sobre uma folha grande, uma joaninha em outra, duas borboletas, próximo à janela, o peixinho, num aquário na janela, um sapo, no chão, perto da árvore, duas abelhinhas junto à árvore e quatro formiguinhas em fila, tendo uma reclamando: “— NÃO EMPURRE!”. E na página seguinte, a surpresa: Um cachorrinho na mão do vovô, que o aproxima de Moreirinha e este lambe o seu rosto. A mamãe passarinho diz: “— OLHA SÓ!”. E a borboleta: “— GOSTEI DA MÁGICA!”. Na página seguinte, a mamãe pássaro abraçada aos filhotinhos diz: — “— QUE EMOÇÃO!”. O netinho agradece o presente e o vovô Moreira diz que ele é quem agradece, porque nunca se divertiu tanto. Os dois se abraçam, carinhosamente, enquanto uma figura de uma menina os observa pela janela, contemplando a emocionante cena. Na página final, o netinho Moreirinha, abraçado ao cãozinho diz: “— Vovô não toma jeito!”.

A referida obra é compõe a Coleção Família Moreira, que retrata o cotidiano de uma família tipicamente brasileira. Abordam diversos temas, tais como: As pessoas não são exatamente como gostaríamos que fossem (em: *Precisamos ter uma conversa com nossos pais*); a interferência da TV na relação familiar (em: *Eles parecem crianças*); a chegada de um novo membro na família (em: *Mamãe é tão infantil*); e o idoso nos dias de hoje (em: *Vovô não toma jeito*); entre outros temas que merecem reflexões e muitas vezes passam despercebidas quando abordados em obras infantis. Os temas se apresentam com muita leveza e certo humor, a fim de proporcionar ao leitor novas reflexões.

Na obra em questão, a temática do idoso está atrelada a outras temáticas, que ao longo da leitura promovem ao leitor uma visão de mundo bem diversificada. Dentre essas, a temática do estereótipo criado pela sociedade, no que tange à terceira idade. Como são os nossos idosos nos dias atuais? O que fazem? Como se comportam? Como se divertem? O que fazem numa sociedade notadamente marcada pelo capitalismo, pela corrida desenfreada pela aquisição de bens e pela atividade? O que são? Seres inúteis? Um peso para os mais novos? Ou um memorial de lembranças e de experiências que nos enriquecem a cada dia?

O vovô Moreira é um idoso que foge a esses estereótipos de que um velhinho precisa usar bengala, ou anda encurvado, a passos lentos, treme as mãos, fala arrastado, quase sem voz, e depende de ajuda até mesmo para se alimentar. Ele é ativo, gosta de passear, e de divertir seu netinho, o Moreirinha. Além de trazer para o neto um bichinho de estimação (as crianças adoram animaizinhos), ele ainda inventa mil artimanhas para entregar o presente. Finge estar esquecido, desconhece o neto (de brincadeira), faz piada com garotinho, que se sente confuso com tudo aquilo. O texto favorece ao pequeno leitor observar e fazer comparações entre o vovô Moreira

e seus avós. O que eles têm em comum, suas manias, dentre outras coisas além da aparência física, cuja observação é mais latente. O que faz o vovô Moreira ser diferente dos demais velhinhos? O que os fazem iguais?

O sumiço do vovô no início da história deixa Moreirinha inquieto, a ponto de contar até “trinta vezes trinta e três”. É outra questão que leva o leitor a refletir: O que faz um idoso se perder ou sumir? Uma doença? Essa questão pode abrir espaço para muitos questionamentos por parte das crianças. Sabemos que o mal de Alzheimer está associado à velhice e poucos são os idosos que não foram acometidos por essa doença. Seria importante explicar para os pequenos quais são os males que essa doença acarreta na vida dos velhinhos e os meios de evitá-la, bem como de tratá-la, caso surja algum interesse por parte deles.

Mal de Alzheimer, doença de Alzheimer ou simplesmente Alzheimer é uma doença degenerativa atualmente incurável, mas que possui tratamento. Esse tratamento permite melhorar a saúde, retardar o declínio cognitivo, controlar os sintomas e as alterações de comportamento e proporcionar conforto e qualidade de vida ao idoso e à sua família. Não existe comprovação de que qualquer medida de prevenção seja bem sucedida contra o Alzheimer. No entanto, estudos indicam que dietas ou atividades intelectuais podem retardar o aparecimento da doença. (MELHORAMENTOS).

Outra coisa que nos chama a atenção é o título do livro: *Vovô não toma jeito*. O interessante é que somente no final da história Moreirinha se expressa assim em relação ao avô. Moreirinha quis dizer que o avô não muda, vive aprontando sempre. Essas expressões, comumente utilizadas no meio familiar, sempre têm uma história por trás e caracterizam a comunicação entre os parentes, de geração a geração. O leitor se identifica pelo modo com o qual se comunica com seus familiares.

Dessa forma, o livro *Vovô não toma jeito* favorece ao leitor a oportunidade de dialogar com as temáticas presentes no texto, ao mesmo tempo em que as aproxima de sua realidade de vida, buscando identificar-se com algum personagem, ou encontrar em qualquer um destes as características de alguém que conheça.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura analítica do livro *Vovô não toma jeito* de Liliana e Michele Iacocca, pudemos aferir que a referida obra possui caráter sócio-interacionista, uma vez que contribui para que o leitor desenvolva reflexões sobre as temáticas inseridas na história, as quais se configuram como algo corriqueiro, que muitas vezes não damos a devida atenção, como a questão das relações familiares, do respeito ao idoso, da ética e da pluralidade cultural.

O livro tem uma roupagem que permite outros olhares, quando o diálogo entre os personagens principais se conflui com o diálogo paralelo que ocorre entre os personagens secundários; num jogo de intertextualidade que prende a atenção do leitor. Os textos não-verbais contribuem para essas observações, conversando com o tema tratado na narrativa, dando continuidade à história, apenas com imagens. A linguagem é simples, de fácil compreensão, tornando a obra leve e atrativa. Carregada de humor, marcada por diálogos paralelos, e com ilustrações ainda mais expressivas.

Toda a narrativa gira em torno do vovô maluquinho, o que não impede de observarmos o poder de uma ficção parecer tão real, a ponto de o leitor fazer comparações da figura desse vovô atrapalhado a algum velhinho parecido. O tempo e o espaço também sugerem um movimento gradual, levando o leitor a uma

curiosidade quanto ao que vem em seguida. Além disso, refletir sobre o que está sendo tratado, como por exemplo, a questão do vovô demorar tanto a chegar. A criança pode se perguntar: se fosse meu avô que estivesse demorando assim, o que eu iria fazer? Ou quando o vovô começa a perguntar onde estaria seu netinho a ele próprio, se fosse com ele, o que diria?

No que tange às temáticas, além da questão da velhice, o livro traz ensinamentos ainda que sutilmente a respeito das relações familiares, já que o Moreirinha conhece tão bem o avô, que já fica à espera de uma novidade, embora não saiba exatamente o que vai ser desta vez. Isso reforça um ponto muito importante na fase infantil. A criança precisa descobrir a que ponto ela se relaciona com pessoas de outras gerações. O que elas podem aprender com essas pessoas.

Outra temática que a obra oferece para uma reflexão é a questão do respeito ao idoso. Nota-se que o vovô Moreira foge ao estereótipo do idoso incapaz, dependente. Ele tem liberdade para sair, e voltar a hora que quiser. Ninguém está preocupado porque já sabe que ele é assim mesmo. O papai Moreira dorme tranquilamente numa rede, e os demais personagens estão envolvidos em suas atividades diárias. Ele pode trazer o que quiser que está tudo bem, então ele traz um cachorrinho para seu neto.

A questão da ética pode ser vista na cena em que os dois (avô e neto) dialogam, enquanto a netinha observa da janela, sem interferir. Tudo acontece sem interrupção, ainda que os animaizinhos dialoguem entre si. Não interfere no que está acontecendo. Ao contrário, segue-se a narrativa, o que leva o leitor a refletir sobre o papel de cada membro da família dentro dela.

E quanto à pluralidade cultural, é bastante importante refletir sobre as diferenças de determinados grupos sociais, que carregam em si suas características próprias, suas crenças, seus valores, que precisam ser respeitados. A criança criada num ambiente onde toda e qualquer diferença é respeitada, certamente se tornará um adulto maduro e responsável, que aceitará bem as diversidades culturais do país, seja onde for.

Desse modo, toda essa gama de temas pode ser observada e refletida sob um ângulo crítico e não como um trabalho pedagógico, que priorize a didática e cale o sujeito. Ao contrário, que dê voz ao leitor e permita que ele corra velozmente na sua imaginação; afinal, a leitura é essa grande locomotiva que nos leva a lugares que jamais imaginávamos que um dia iríamos: ao além!

REFERÊNCIAS

Objeto do estudo:

IACOCCA, Liliana e IACOCCA Michele. **Vovô não toma jeito**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

Demais referências:

BEAUVOIR, Simone de. **A força da idade**; tradução de Sérgio Milliet. – 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Disponível em: <http://www.mediafire.com/file/lhs157dsmnv_fkaa/BEAUVOIR%252C/Simone_de._A_Forca_da_Idade.pdf/file>. Acesso em 28/10/2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 14ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CADERMATORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos).

FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da educação infantil**. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção InterAções). *Apud*: SOUSA, Abraão Vitoriano de. SOARES, Emanuela da Silva. **Era uma vez... A contação de histórias na educação infantil como incentivo à leitura**. UERN/UFRPE. 2018. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_M D1_SA9_ID3325_10092018121524.pdf>. Acesso em 28/10/2019.

GLOBAL EDITORA. **Michele Iacocca**. Disponível em: <https://globoeditora.com.br/aut_ores/biografia/?id=1628>. Acesso em 28/10/2019.

LIVRARIA CULTURA. **Liliana Iacocca**. Disponível em: <<https://www.livrariacultura.com.br /e/iacocca-liliana-64278>>. Acesso em 28/10/2019.

MELHORAMENTOS. **Projeto Pedagógico Coleção Família Moreira**. Disponível em: <<http://editoramelhoramentos.com.br/v2/wp-content/uploads/2013/02/S%C3%89RIE-FA M%C3%8DLI A-MOREIRA.pdf>>. Acesso em 15/11/2019.

MONTEIRO, Yohana Tôrres e ROCHA Daniele Eduardo. **Memória e feminino em Simone de Beauvoir: o problema da recepção**. Florianópolis: Revista Estudos Femininos. vol. 20 nº 3. Setembro/Outubro de 2012. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/envelhecimentoegeneroafeminizacaodavelhice.pdf>> Acesso em 11/11/2019.

RICHE, Rosa Maria Cuba. **Literatura infanto-juvenil contemporânea: texto/contexto - caminhos/descaminhos**. Florianópolis: Perspectiva. v. 17, n. 31, p. 127 -139, jan./jun. 1999

REVISTA MOSAICO. **Resenha: Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. Disponível em: <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view /1263>>. Acesso em 28/10/2019.

SEDUC. **A importância do lúdico para o desenvolvimento da criança**. Disponível em: <<http://www2.seduc.mt.gov.br/-/a-importancia-do-ludico-para-o-desenvolvimento-da-crian-1>>. Acesso em 15/11/2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, segundo aos meus professores e mestres, familiares e amigos.

Meu esposo Hamilton Nunes incentivador para almejar uma carreira acadêmica, além de me ajudar quando as situações pareciam difíceis sempre me motivou a continuar e não desistir.

Minha saudosa avó (in memoriam) Inácia Carlos dos Santos, sempre preocupada e motivadora.

Minha mãe Antonia Maria dos Santos, fonte de inspiração e acreditando sempre em dias melhores.

Meus filhos Joseph Glaryston e Johnny Glaydson, me ver como incentivo.

Minhas amigas Maria Aparecida Alves, Mônica, Leonilsa Maria que sempre estiveram me motivando e ajudando na jornada as vezes um tanto quando ardo-a as vezes até um pouco cansativa.

Agradecimentos também a minha cunhada e amiga Ana Lúcia Nunes Velez.

A Professora Ana Lúcia Maria de Souza Neves, minha orientadora, pela paciência e atenção dispensada à minha pessoa, além da dedicação.

As professoras Rosângela Maria Soares de Queiroz e a professora Dalva Lobão Assis, por fazerem parte da banca examinadora, sendo de grande prazer ser avaliada por pessoas tão especiais.